

Gaiato

4 DE JANEIRO DE 1975

Ano XXXI — N.º 804 — Preço 240

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Areias do Cavaco

Ainda não vos falei do Serafim. Quero falar-vos dele nesta quadra de Natal. Sim, quando estas notas saírem à rua, foi Natal. Oxalá, nesta Angola, a incerteza que ora se instalou em tantos e tantos, dê lugar à Esperança. Que o Natal não seja de incerteza mas de Esperança.

O Serafim (em nossa Casa puseram-lhe um nome «de família» que desconheço) é um pequenino que veio dos lados do Quipeio, povoação de Vila Flor, já em terras do Huambo. Não posso falar-vos dos pais. Nem eu nem ele os conhecemos. Veio pelas mãos de uma Irmã religiosa que vai consumindo a

vida ao serviço da gente de Angola.

Para ele o Natal é a Festa da sua libertação. Vivia como um bichinho do mato, escorregado de um lado para o outro, até encontrar a «estalagem» na Casa do Gaiato de Benguela. Recebido com todo o carinho, este pequenino mestiço a pouco e pouco se foi adaptando a uma vida nova. E vai ser um homem.

Que lhe damos? Nada de extraordinário. Apenas recebe aquilo a que tem direito: uma família, uma escola, uma Casa de trabalho. À medida que vai descobrindo o seu valor, encontra o rumo da sua vida. E é feliz.

Agora mesmo o vejo passar com o grupo dos mais pequenos, a caminho da escola.

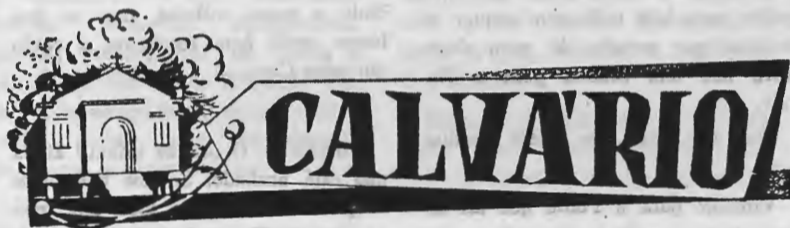
Quem é o responsável por estas situações? Cabe a todos uma parcela de responsabilidade. Não nos podemos libertar de uma sociedade ferida. Mas devemos lutar contra as feridas da sociedade. Nenhum membro se pode recusar. Por onde começar a luta? Cada um comece por si-mesmo. É de cada um, aliás, que partem as situações injustas.

x x x

Prometi dar notícias da Mas-sangarala. Tenho passado por lá com muita regularidade. A viúva dos 7 filhos é acompanhada. Já nasceu o que ela trazia no ventre. Mas os peitos para o amamentar estão secos. Não lhe pode faltar o leite.

Os casos semelhantes são muitos naquele bairro. Não sei como será Natal para aquela gente! Poderá alguém ficar indiferente no aconchego do seu lar?!

Padre Manuel António



Foi um telegrama do Dr. Melo e Castro que me deu a conhecer o pequeno Afonso e a sua história. Tinha este seis anos. Era fruto de um incesto. Fruto disforme, pois tratava-se claramente de atraso mental dificilmente recuperável.

Desde que o conheci, comecei a querer-lhe muito. Passaram-se dezasseis anos. Ao longo deles, fez entre nós uma pequena, mas lenta evolução. Sabe ler, contar, mas muito mal.

Chegado à idade oficial teve que entrar na vida militar. Pobre rapaz! Esteve lá apenas um mês. Tanto bastou (eu creio que bastava encará-lo bem de frente!) para o reconhecerem como débil mental.

Voltou para esta Casa do Gaiato. A nossa vizinhança, vendo-o já homem feito e com braços fortes, tratou de o desencaminhar. «Deixa isso e vem para aqui trabalhar que a gente paga-te.» O rapaz fugiu. Vagueou por terras que ele mesmo não conhecia. E foi parar ao Porto.

Ao vê-lo sair temi a certeza dum futuro sombrio. Ele nunca conheceu família de sangue, não sabe quem são nem onde se encontram os pais. Não conhece parentes. É desprovido de capacidade de auto-governo. Mas soube seguir os conselhos da sociedade. A nossa pobre, mas amiga voz, não.

Ontem apareceu-me logo pela manhã. Vinha a cambalear, alcoolizado. Sujo. Nojento. Metia dó. Estremeci ao depará-lo. As lágrimas borbulharam-me na vista.

— Como eles te puseram, Afonso! Eu, que tanto te amei, perdi-te. Eles, que nunca te amaram, destruíram-te por completo. Como tu vens! Mas, afinal que vens tu fazer aqui?

— Venho ver isto...

— Isto o quê?

— Isto...

O Afonso perdeu a noção das pessoas, dos amigos, daqueles que o criaram e amaram. Para ele tudo é «isto».

— Não bastou a cruz? Porque se deixa Deus hoje ainda esfarrapar, nos anormais, nós infelizes, porquê?

Já o amava, mas fiquei a querer-lhe muito mais ainda depois que o vi assim...

Padre Baptista

Trinta e cinco anos

Fá-los dia 7 de Janeiro a Obra da Rua. Mas faz mais..., porque obra da rua foi a vida de Pai Américo desde o princípio do seu sacerdócio, desde que lhe foi «deixado determinar-se», conforme a sugestão feita ao seu Bispo por outro padre (o então cónego Trindade Salgueiro) que viu nele os sinais de um grande realizador e se bateu pela liberdade da sua realização.

Trinta e cinco anos depois deste começo organizado — ou mais onze, se recuarmos àquele dia 28 de Julho de 1929 em que o Américo pôde antepor ao seu nome de baptismo o novo nome de padre, causa do ponto de exclamação que passou o pospor — faz-nos bem voltar ao princípio, aquele caos que é o princípio de tudo o que há-de ser pujante, como a vida da planta que jamais será sem a morte da semente.

Tenho para mim que é omis-

são grave de Pai Américo nunca ter escrito o prometido «De como eu subi ao Altar». Seria uma fonte de energia preciosa para quantos, postos no seu caminho, sofrem as interrogações que cada dia levanta. Nós não sabemos quase nada, senão por um ou outro desabafo sem continuidade. Só genericamente temos conhecimento de que os seus primeiros anos foram cheios de contradição: de que a certeza divina que o vertebrava não impedia, na encruzilhada dos caminhos possíveis, a indecisão sobre qual o específico a que era chamado; de que a força impetuosa que o determinava, não abolia todos os medos de fracasso, tão próprios ao homem empenhado numa missão de amor, numa tarefa de salvação.

Em Pai Américo, o homem de Deus coincide com o homem muito humano, que vive na permanente tensão da Fé e da

Esperança, vendo ao longe o que não vê perto, caminhando sempre na certeza da meta, mas no mistério do passo imediato a dar. É andando que se acha. É entregando-se incondicionalmente à missão que vai encontrando os fundamentos da sua confiança. «Fui eu que disse isto...?!» «Fui eu que fiz assim...?!» — diria ele muitas vezes ao contemplar os efeitos dos seus actos, tão desproporcionados os julgava de si mesmo!

Foi uma incessante dor de parto a sua vida. Em cada dar à luz era a alegria de um novo bem que enriquecia o mundo. Mas logo uma nova gestação o devorava e o submetia à tensão habitual do claro-escuro da Fé, da posse imperfeita da Esperança.

Faz-nos bem — dizia — voltar ao princípio. Recapitular os passos dolorosos das suas

Continua na TERCEIRA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CALVÁRIO MENOS DOLOROSO... — Estivemos em casa do jovem militar. Fomos pela consoda. Ele contou-nos que, oportunamente, entregou, no Comando, o requerimento da sua justíssima pretensão e, bem assim, o nosso memorial.

— Entreguei ao nosso Tenente-Coronel...

— Leu e despachou?

— Foi logo! A papelada seguiu logo para Lisboa. Agora, estou à espera d'ordens...

Em casa, estava ele, a mulher e os 3 filhos. Os dois gémeos são um encanto! E a jovem mãe ficou radiante com um embrulho, delicadíssimo, do Entroncamento!

— São coisas tão boas!

Depois, conversámos. São tímidos. Naturalmente envergonhados, pela situação em que se encontram. Mas conseguimos abertura, de irmão para irmão.

Vimos o livro da mercetaria. Após a regularização havia, já, um débito; cerca de mil escudos. Foi arrumado. E o leite prós bebés, idem. E deixámos, ainda, mais uns centos para o que for necessário. Não há-de passar mais necessidade, se Deus quiser!

RECEBEMOS — Rua Ferreira Borges, Coimbra, 500\$00 e uma carta muito simpática — como habitualmente. Cardigos, 100\$00 «para os vossos Pobres». Assinante 33058, metade. Presença amiga do Bairro do Rodrigo, Covilhã.

Entroncamento:

«Paz no amor de Cristo.

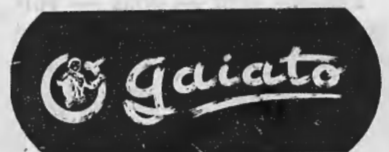
Enviei hoje uma pequenina encomenda de roupas de bebé para a mãe dos gémeos, casada com o tropa. Também segue um vale de 1.000\$00 para que lhe pague a casa.

Gostaria de ser imensa, mas talvez se o fosse não me debruçasse tanto!... Tudo o que dou me tem sido retribuído a mais de cem por um. Este ano, em que estou tão aflita com uma irmã..., peço a Deus que os frutos dos meus gestos de amor recaiam sobre ela. Será uma cruz muito grande para ela e para nós se o Pai do Céu não nos acudir...»

Outra vez Covilhã: «Para o calvário duma família jovem a que nasceram dois gémeos, 100\$00 para aliviar um pouco as suas aflições».

O dobro duma Vicentina de Leiria para a solução do mesmo caso. Um cheque de 500\$00 de bom amigo de V. N. de Gaia. Vilar Formoso, 200\$00. «Viúva do Porteiro», 40\$00.

TRANSPORTADO NOS AVIOES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Um abraço para a D. Rosa! -Mais 200\$00 da av. Dr. Antunes Guimarães, Porto. Metade do Bairro Presidente Carmona, Lisboa. Assinante 11162, do Porto, com 40\$00. Mais Lisboa, rua Alexandre Herculano, a remessa habitual. Presença amiga de Baltar. De «uma Vicentina há mais de 35 anos» um cheque de 5.000\$00 e uma carta toda ela respirando Ozanam! Mais 250\$00 de Nova Oeiras para a Auto-Construção. O dobro de Maria Emília. Mais 500\$00 de quem não quer — e muito bem — «o nome no jornal». Mais Aveiro, Rua de Ilhavo. Mais Regadas (Fânzeres) «em sufrágio da alma de um soldado falecido em combates». Mais 100\$00, de Viseu. O mesmo de «Velha Amiga». Mais «dinheiro de uma Senhora da Beira (Moçambique) que pede orações». Agora vem lá «uma pequena migalha», da assinante 17929. E outra presença destinada «à família do moço que está na tropa», e vem de Leiria. Vão aí muitos com a mesma intenção. «Eu e ela», de Gondomar, além da importância, uma interrogação: «Como poderíamos deixar de abrir a carteira, para acudir a tantas aflições?» Assinante 26326, 50\$00. Da Covilhã alguém desabafa e afirma-se «comprometida na mesma luta pela construção de uma Sociedade Nova». Finalmente, 75\$00 de Cabeceiras de Basto.

Retribuímos a todos os nossos Amigos e agradecemos, inclusivé, os votos de Boas Festas.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — O Miguel, nosso ex-«Peniche», casou no dia 21 de Dezembro com uma rapariga de Paço de Sousa.

A Missa começou perto das 13 h., em nossa pequenina Capela, sendo celebrante o sr. Padre Carlos.

O dia encontrava-se bonito e quente, com vontade de querer participar, como o fizeram muitos convidados que cá vieram.

Oxalá que esse dia, tão luminoso e querido, seja lembrado muitas vezes na vida do casal.

A boda decorreu no nosso antigo salão de diversões e durou longas horas.

Desejamos, ao casal, União, Amor e Paz nos seus corações.

A ideia foi oportuna. As aulas de estética principiaram — na Escola Gráfica de Paço de Sousa. Como tudo, teve um começo, desde o ano, passado: Teoria, exemplos e aplicação. As palavras do nosso amigo esteta, eram (são) excitantes, e a nossa ignorância começava a despertar interesse prático. Começa a fazer trabalhos, esboços, ainda que, como de início, permanesse a recordação do nosso desenho escolar. A evolução foi progredindo. Hoje, a acção de trabalho abrange factores da Arte nunca sonhados e executados por nossas mãos.

O que vocês estão a ver é fruto das aulas, fruto da mesma progressão e gosto. Foi este mesmo desenho (a linólio), que os nossos Rapazes escolheram para cartões de Boas Festas. Estamos indo avante e o gosto cada vez é maior.

Será com este mesmo desenho, em «O Gaiato», que desejamos tenham passado umas Festas felizes, cheias de PAZ e AMOR.

OFERTA — O Banco Pinto & Soto Mayor (filial do Porto) ofereceu-nos uma oportuna lembrança que, aliás, tem sido habitual todos os anos. Uma quantia em dinheiro, assim com 2 bolas novas de futebol e outras 3 mais pequenas. Junto vinham, também, algumas equipas que farão muito jeito para substituir as nossas, já tão velhinhas e rotas.

Obrigados amigos. Obrigados.

REUNIÕES — Desde o dia das nossas eleições que os chefes se têm reunido para apresentarem os seus problemas e melhorarem, em todos os aspectos, a situação da Casa.

PARTIDA — O nosso «Zucaca» partiu para a vida. Partiu em busca de si mesmo e do que pretende de concreto para o seu futuro.

Se os Leitores ainda se lembrarem, ele era aqui conhecido como domesticador de pardais.

Felicidades, «Zucaca».

TROPAS — De Cabo Verde e Moçambique chegaram à Pátria o José Achan e o Arménio que presentemente residem em nossa Casa de Paço de Sousa.

Agora, esperamos que brevemente cheguem também o Alvaro Henriques e o Joaquim da Silva, ambos em Moçambique.

SONHANDO... — Pelas ruas da cidade ouvia-se apregoar a taluda do Natal. Assim puxei do bolso uma nota e comprei um bilhete. Depois esperei certo tempo até chegar ao sorteio final.

Conclusão...

Saiu-me a sorte grande!

Fiquei doido e o meu contentamento originava que eu espalhasse a notícia aos meus amigos de todo o mundo. E depois sonhava assim... Hei-de construir um palácio, tendo dentro dele um mundo de tantas coisas. Mas um Pobre que ali estava perto ouviu-me e desabafou: «E eu nem tenho um barraco sequer para me abrigar durante a noite»...

Mas eu continuava a sonhar...

Hei-de arranjar as mulheres mais belas para serem minhas criadas.

E o Pobre dizia-me: «E eu nem sequer tenho alguém que trate de mim só porque sou pobre vagabundo».

Mas eu sonhava cada vez mais alto...

Hei-de comprar o melhor automóvel deste mundo para dar grandes passeios convidando os meus amigos de todo o mundo a participarem nos meus prazeres.

E o Pobre dizia-me: «Mas ninguém tem pena daquelas criancinhas que, de manhã cedo, vão para a escola sem terem um meio de transporte para se livrarem da longa caminhada, do frio e da chuva».

Eu sonhava ainda mais alto...

Vou mandar fazer um grandioso banquete para festejar este maravilhoso dia da sorte grande.

E o Pobre dizia-me: «Tu que tens poder para isso tudo nem sequer te lembras que metade do povo desta terra não tem comida para o Natal».

Por fim, já não podia sonhar mais...!

Virei-me para o Pobre que ali estava perto e alheio durante muito

tempo. Depois, fixei-me no montão de notas de toda a minha fortuna e resolvi distribuir tudo. Sim, tudo, ficando sem nada. Depois sentei-me e pensava. Que teria aquela taluda a ver com o Natal? Talvez eu nunca valesse tanto com aquele dinheiro nas mãos, do que antes sem ele.

Mas agora, com o dinheiro distribuído, espero que este Pobre já tenha uma casa para habitar. Que as crianças já possam ir para a escola sem apanharem frio e chuva. E, também, que no Natal e sempre, as pessoas da terra já tenham comida para matar a fome.

Acordado do sonho, desejo que o Natal de 1975 seja para repartir...

Manuel Amândio

total

CAMPO — Com o azeite ao preço do ouro, há necessidade de aproveitar o mais possível a azeitona de que se possa dispor.

Foi isso mesmo que nós fizemos durante algumas semanas: a apanha da azeitona.

Não sei ainda quantos litros terá dado a nossa colheita, mas os que forem serão bem recebidos, e então em nossa Casa...!

OBRAS — O parque infantil ainda não está acabado. Se nos tivéssemos ocupado dele durante todo este tempo, decerto já estaria terminado. Mas, entretanto, começámos a construir mais duas casas. São de um só piso e servirão para camaratas.

Pretende-se, com estas, centrar toda a Aldeia e, além disso, obter, dentro do possível, melhores condições habitacionais.

Depois de terminadas estas duas casas, que ainda vão levar o seu tempo, ficar-nos-á a faltar só a Capela para concluir todo o conjunto que constituirá a nossa Aldeia.

Com fé em Deus, muitos de nós esperamos vê-la edificada.

FUTEBOL — A nossa equipa efectuou alguns desafios no início da época.

Os poucos adversários, que nos depararam, saíram vencidos. Sem a menor falta de respeito por eles, devemos confessar que não possuíam, pelo menos, maior força atlética e tática do que nós.

Aproveito o momento para dirigir daqui um convite aos amigos Leitores que gostem de dar uns pontapés na bola, que se agrupem e nos visitem, sem medo...

1974/1975 — Setenta e quatro é o número do ano que já passou. Creio que ficará na história.

Esperemos que o ano de setenta e cinco venha consumir algo de bom: Democracia, Paz, Progresso, Liberdade, etc.

Entretanto, quero desejar aos amigos um próspero ANO NOVO, que promete ser verdadeiramente novo.



A expedição dos quatro mil e tal volumes do «DOCTRINA» foi rápida. E a correspondência recebida é um verdadeiro vulcão!

Neste momento, servimos inúmeras requisições — por intermédio dos postais RSF. Muitos, além do «DOCTRINA», pedem todas as obras de Pai Américo, disponíveis. E, receosos que o postal RSF se extravie, mandam carta simultaneamente ou confirmam pelo telefone! Chamadas do Porto, Lisboa, Coimbra, Gaia...

Uma grande percentagem inscreve-se, formalmente, como assinante da Editorial. E do próprio «O GAIATO», também! No lançamento da próxima obra — surpresa reservada para muita gente! — vamos inserir mais uma quadrícula, no postal: «Comunico que desejo ser inscrito como assinante de «O GAIATO». Era já nossa intenção. Mas contra factos não há argumentos...

O «DOCTRINA» está a fazer

O «DOCTRINA»

está na rua!

uma grande revolução na alma dos Leitores. É uma explosão do Sobrenatural!

Ainda a propósito do postal RSF somos obrigados a nova recomendação: que seja convenientemente preenchido. Temos recebido alguns com as obras assinaladas — mas sem nome e morada! Outros, absolutamente em branco... Evidentemente, não nos responsabilizamos pelas omissões dos requisitantes. Da nossa parte já temos as naturais asneiras do Sabino, do Elísio, do «Faneca», etc., etc.

No que toca a omissões: re-

cebemos, hoje, um sobrescrito com 100\$00 e mais nada, expedido de Lisboa 2, com o timbre do «Mount Royal Hotel — London!» Quem será?

E uma carta de Coimbra, sem residência! Ai vai tal qual:

«Para todos quantos labutam nessa Obra um abraço amigo desta leitora Maria de Fátima. Há muito tempo que andava para escrever a pedir a minha inscrição como assinante do tão querido jornal «O Galato», mas só hoje é que parece ter um bocadinho...

Os meus patrões são assinantes e eu tenho oportunidade de ler sempre o jornal. Resolvi inscrever o meu pai. Também peço dois livros «DOCTRINA» que vão para casa dele. E a minha prenda de Natal.

(...) Despeço-me de todos e desejo um bom Natal e um Ano Novo renovado.

Maria de Fátima»

Maria de Fátima: faça o favor de reparar a falta. Que pena não servirmos a prenda de Natal a tempo e horas!

Somos obrigados a interromper estas linhas por causa do «Campanera», ocupado na embalagem dos livros! É o «Campanera» e a brincadeira e o barulho dos seus doze anos...

Agora, como não podia deixar de ser, aí vão as primeiras ressonâncias dos Leitores do «DOCTRINA». As primeiríssimas!

Senhora muito amiga, de algures:

«Acaba de chegar o «DOCTRINA» — tão bonito por fora, tão a propósito!

Para nós representa sempre uma mensagem do Céu e uma saudade esperçada... Lembra-mos muito Pai Américo. Reza-mos-lhe. Que Ele se lembre do seu Portugal, não me oferece dúvidas; e espero também que se lembre dos amigos que precisam.

Quem, nesta terra, não precisa, agora de um modo especial, de uma ajuda do Céu?

Vai aqui uma gotazinha — duas lágrimas — com as quais completamos o que tínhamos ideia para 1973. Foi pouco e mesmo assim atrasado. Precísamos de aprender a economizar e a partilhar melhor. Que Deus nos ajude a todos a fazer a Sua vontade!!

Vem aí o Natal; estamos desta vez tristes e sem família; apetecia-me ir até aí — mas se calhar não deixaremos os caseiros que estão habituados ao Presépio cá de casa. É desta vez um presépio mesmo pobre — mais parecido com o autêntico — mas mesmo assim muito rico, ao pé de tantos e tantos presépios por essa terra fora.

Que aí haja Natal para todos — Família e familiares — é o que do coração lhes desejamos com a já velha amizade...

Um sacerdote de Aveiro:

«Recebi o «DOCTRINA», que agradeço.

Está uma edição cuidada e muito bem apresentada. Parabéns.

Incluo a minha oferta pelo livro que passará a alimentar

a minha vida de oração das próximas semanas.

Com votos de um Santo Natal, sou amigo ded.mo em C. J...»

Torre da Marinha:

«Venho pedir o favor de me enviarem, se for possível, os livros... e o «DOCTRINA». Acabei de ler o «BARREDO», «OBRA DA RUA» e «OVO DE COLOMBO». Considero estas leituras muito da actualidade, numa altura em que tanto se fala das classes desprotegidas, mas pouco ou nada se faz! Tenho andado a dormir no meu comodismo e ainda não acordei para apalpar a miséria envergada daqueles que sofrem sem uma palavra de revolta.

Sou trabalhador numa Fábrica. O meu trabalho é o único meio de subsistência de um grupo de 6 pessoas. No entanto, ao ler «Arelas do Cavaco» no último número do V/ jornal, considero-me também culpado do caso dessa viúva de Massangarala. Tenho 4 filhos a quem apenas falta espaço livre para brincar. Um 2.º andar, num bloco habitacional, para eles é uma cadeia. Todavia, mesmo, alugada, possuo uma casa. E aqueles 4 e mais filhos que não têm casa? Dá vontade de gritar aos ouvidos daqueles que têm casas de verão, de inverno, no campo e na cidade, e, sobre bairros, apenas conhecem casinos. É pena a sociedade ter chegado a este estado de coisas...

Assinante 6310:

«Fiquei tão satisfeita com o livro do Padre Américo «DOCTRINA» que o tomo como a minha melhor prenda de Natal! Foi ele que me inspirou que vos enviasse 1.000\$... para pagar o «DOCTRINA» e mais três iguais que peço o favor de me enviarem para oferecer agora pelo Natal. Talvez o Padre Américo faça o que eu não consigo. Velha amiga...

O «DOCTRINA» está na rua! E nós, às vossas ordens.

Júlio Mendes

Opinião

Ele há por aí tanta gente a falar ao desbarato. Suas palavras são sensacionalistas. Assim conseguem chamar a si a atenção do Povo. E o Povo — essa grande massa anónima e humilde! — vai embalado nessas palavras eloquentes, nessas parangonas de todo o tamanho. Há falar e falar. Falar com eloquência e não dizer nada. Falar sem eloquência nenhuma e dizer muito.

Não é com palavras bonitas que se enchem estômagos. E o Povo quer pão depois de tantos anos a comer «o pão que o diabo amassou». Mas não só. Nem só de pão vive o homem. Quer-se mais. Algo mais importante até do que a comida que à boca satisfaz. O homem nunca se poderá realizar só com a barriga cheia. Precisa de a ter consolada, é certo, mas precisa igualmente de ser esclarecido. De aprender a ler. De aprender as elementares regras de educação

e de comportamento. De proporcionar esta instrução e educação aos familiares. De possuir uma casa e conforto onde vai erguer a sua família. Sem isto o homem não é homem, tal como sem pão o homem não pode viver. Converte-se num trapo. Pisado e repisado por todos.

Estas considerações servem para nos insurgirmos contra esta sequência de palavras bonitas, ditas por «robots humanos». Fabricados na altamente industrializada máquina publicitária. Tanta boca apregoando coisas que as mãos não fazem e que o coração não sente.

Há falar e falar. E há fazer. Os dados estão lançados. Estamos a falar muito já. Estamos cheios de tanta conversa. E continuamos ainda a aguardar que se faça alguma coisa do muito que há para fazer.

Rogério

RETALHOS DE VIDA

O «Marcelino»



Chamo-me João Manuel Capela e sou natural de Bragança, onde nasci a 7 de Maio de 1959.

Nasci no hospital e como a minha mãe morreu de parto, o hospital acolheu-me até aos 7 anos. Depois fui para casa numa senhora da Assistência aos Pobres, que tomou conta de mim até atingir a idade para poder entrar no Patronato, onde me receberam com 9 anos e no qual fiz a 4.ª classe.

Mais tarde abandonei o Patronato e fui entregue a meu pai que não podia sustentar-me e arranhou a meter-me nesta Casa, tinha eu 11 anos. Aqui fiz o 2.º ano da Telescola.

Depois, quis seguir; mas, como na Páscoa já tinha o ano perdido por faltas, regresssei e fui trabalhar para a vacaria...

Presentemente sou tipógrafo, aprendiz na secção de composição.

Nada mais tenho para vos dizer, queridos leitores de «O Gaiato». Um grande abraço deste vosso amigo,

João Manuel Capela («Marcelino»)

Trinta e cinco anos

Cont. da PRIMEIRA página

primícias sacerdotais, quando a incompreensão e a suspeita eram o eco natural daquele estranho divagar em busca do caminho definido da sua vocação.

«A sua vida é um mistifório» era a palavra do seu Bispo, palavra todavia amiga e confiante, pois que ao olhar interrogativo do súbdito obediente e disponível, acrescentava: «Ande lá...» E ele ia andando.

Passos dolorosos... Passos muito amados. «Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores que levou a vida mortal a servir.» Por isso ele os recordava com saudade e ternura. «Que feliz eu era, naqueles tempos em que andava por lá... Davam-me aqui e eu ia dar acolá... Era assim.»

Hoje tudo se põe em causa. A preocupação de novidade é

uma febre que consome. E que mudou?: Deus?... O mandamento do amor?... A dificuldade de amar os homens?... Ela é tamanha que foi preciso o Amor fazer-se homem, para a vencer. Mas a Sua vitória é potencial. Faltam os discípulos, em número e em qualidade, para a actualizar em todo o espaço da Terra, em todos os tempos do Tempo: Amar como Ele nos amou.

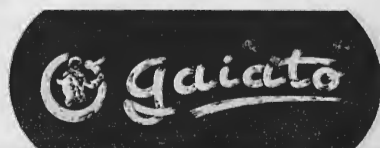
Foi a preocupação de Pai Américo, a meta da sua vida. Tudo o resto é vaidade, é vazio. Nada merece a dor senão o amor. E não há dele sem ela!

Eis a Obra da Rua — trinta e cinco anos antes..., ou agora. Que jamais os seus padres, as senhoras que se lhe doaram, os rapazes que se comprometeram na constância do seu serviço — que jamais a deturpem, desperdiçando-se em outras preocupações que não se-

jam esta: esquecidos de si-mesmos, amar como Cristo nos amou. Só com o poder d'Ele, isto é possível! Podê-lo alguém é testemunho da Sua presença actual no meio dos homens.

Consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus; consolidada sobre a «pedra angular» que Ele é — eis a Obra da Rua, testemunho do Deus vivo e actuante, comprometido com o Seu Povo, no dia-a-dia da sua história.

Renovar, sim, a partir daqui — para chegar aqui com ideal mais puro, com vontade mais firme.



VIÚVAS

A esmagadora maioria das Viúvas, em nosso País, foi marginalizada durante muito tempo! E só muito tarde se lhes principiou a conceder primários direitos de cidadania, nos domínios do Seguro Social...

Esse quadro negro — que sofremos em nossa carne — ficou marcado para todo o sempre! Poderíamos, realmente, tocar no calvário da Viuvez sem nos armarmos em franco-atiradores...

Dada a sua magnitude, é impossível tentar uma análise profunda do problema — um dos maiores do País — em que muitos valores ditos cristãos se afogaram na omissão...

Como é benéfico meditar passagens da Sagrada Escritura, que testemunha o desvelado cuidado dos primeiros Cristãos pela Viuvez! Foram eles — por Cristo — quem, pela primeira vez na História, encarou o caso de frente e do ponto de vista sócio-espiritual. Por recente despacho gover-

namental — que saudamos e do qual já nos fizemos eco nas colunas de «O Gaiato» — todas as Viúvas cujos maridos foram beneficiários da Previdência e nunca descontaram para a chamada pensão de sobrevivência têm, agora, possibilidade de requerer à Caixa Nacional de Pensões, Campo Grande, 6, Apartado 5020, Lisboa 5, no prazo de um ano, a concessão do referido benefício.

Os meios de comunicação social — nem todos! — difundiram a boa nova. Alguns, e muito bem, repetiram a notícia. Mas os jornais não chegam a todo o lado... E nós sabemos, ainda, da enorme massa de analfabetos de norte a sul!

Por isso, neste caso particular de tentativa de Justiça Social, que briga com o bem-estar de muitos lares — os mais pobres — deveria ser organizada uma grande campanha de esclarecimento. É uma necessidade imperiosa! Fundamentada. No restrito campo de

acção desta paróquia, não fosse a mui discreta e limitada dinamização vicentina, algumas Viúvas não se dariam conta, talvez desconhecessem o referido despacho, até acabar o prazo...!

— Ó senhora Micas você já soube...?

— Não senhor!...

— Olhe que veio nos jornais, na Rádio, na Televisão...

— A gente não sabe ler, não ouvimos nada...

— Vamos tratar do assunto?

— ...
Estamos no Douro Litoral. A trinta quilómetros do Porto. Que dizer dos contra-fortes do Marão, do Nordeste transmontano, das Beiras, do Alentejo, do Algarve...?!

A Igreja, neste caso, tem uma obra a fazer, uma palavra a dizer. É uma obrigação. O silêncio, a apatia, são pecados de omissão — em contraste com a solicitude dos primeiros Cristãos.

Devemos empenhar-nos todos nesta cruzada; todos! Primeiro, os Párocos. Esclarecer as comunidades; empenhá-las na acção. E para os leigos esclarecidos — os mais esclarecidos, da Acção Católica à Sociedade de S. Vicente de Paulo — é um acto tão importante como o de participar na Eucaristia...

Como nos sentiríamos felizes — na inflação verbal que é apanágio da época — se os homens públicos, para além da publicidade ideológica, reconhecessem a sua tremenda respon-



O Freire e a esposa, no cenário lindo da nossa Casa de Benguela.

Património dos Pobres

É Natal. Acabo de chegar a casa e venho amargurado. Fui visitar a casa e a família daquela pobre mulher, nossa irmã, muito nova, carregada de filhos e de maus tratos, que já veio duas vezes chamar por nós.

O marido é servente de pedreiro, mas parece que gosta mais de vinho e da ociosidade do que do trabalho. A mulher vinha mal calçada e com esmurradelas e todo o chão estava branco de geada e soprava uma aragem muito fria.

A prontidão de um homem da aldeia a quem perguntel, levou-me, calçada abaixo, até à pobre casa. Todo o ambiente à volta é de geada branca e espessa e a casa está desabrigada do lado do temporal. Foi uma pobre reconstrução sobre ruínas antigas, paredes feitas de seixos e barro amassado.

Duas criancinhas ainda de berço. Era de manhã e ainda não havia limpeza. Os dois mais velhinhos estavam a acender pinhas resinosas dentro dum lato velho. Fumo espesso a cheirar a resina queimada. Muitas frestas e todo o telhado é vão. Não há nada de tecto isolado. Um dos compartimentos tem cama e serve de cozinha. Tudo muito imundo.

Esta pobre mãe veio pedir-

-nos uma ajuda para fazer uma cozinha, pois a velha que havia, caiu já há anos. Lá estava o montão de pedra das paredes caídas.

Disse-lhe que dávamos uma ajuda, mas que fosse também dizer uma palavrinha ao sr. Prior. Respondeu-me que aquela reconstrução aonde vivem já foi resultado do apelo que o pároco fez na Igreja e que agora lhe custava pedir de novo. Animei-a e prometeu-me que iria. Deixei-lhe para o café daquele dia e dei-lhe também a promessa da ajuda do Património dos Pobres.

De regresso trouxe no meu pensamento aquela habitação tão fria e tão sem condições, aquelas crianças com direitos como as outras, as camas húmidas, sujas e rotas. Trouxe aquela família e tantas outras famílias.

Temo-nos animado com as notícias de que o Governo Provisório se tem preocupado com o problema da habitação e há pouco ouvimos que os Estados Unidos vão dar 500.000 contos. Mas o problema da habitação, pela sua grandeza, não pode ser solucionado só pelo Governo. Somos todos chamados. Também a Igreja tem colaborado e continuamos a animar os Irmãos Pobres a chamar por Ela.

É Natal e a casa daquela família não me pareceu muito mais confortável do que a gruta de Belém. E há outras famílias em grutas de Belém. Temos de nos inquietar.

Padre Horácio

sabilidade nesta matéria e descessem ao concreto-concreto e motivassem toda a gente capaz de esclarecer ou ajudar as Viúvas em questão — dos locais mais inóspitos e pobres das zonas rurais, às próprias cidades — a requerer o benefício

que lhes foi atribuído e a que têm direito!

É um desabafo; um SOS a que não podíamos resistir! Aqui fica. Para quem tiver ouvidos de ouvir que ouça — e faça.

Júlio Mendes

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Temos, à nossa frente, uma longa procissão de novos Assinantes! E um recado do responsável pelos ficheiros de «O GAIATO»: — «Estamos a receber, em média, dois novos Assinantes por dia!»

Ficámos contentes. É sangue novo! E vamos dar nota, sucinta, de todas as presenças.

Antes de mais, alguns extractos da correspondência recebida. A palavra para Albufeira — com sete deles!:

«Junto um vale de correio referente à assinatura de meu Marido...»

Juntó, igualmente, o nome de 7 amigos que querem a partir d'hoje ser assinantes de «O GAIATO». Queiram, pois, fazer o favor de lhes enviar o maravilhoso jornal.

Eu leio-o e releio-o, acreditem, e muito é sempre o que me ensina!

Peço também o favor de contarem com 3 volumes do livro «Doutrina», para mim, que agradeço me mandem à cobrança, logo que o tenham.

Despeço-me com toda a amizade e pedindo-vos que recor-

dem nas vossas orações o meu lar de 7 filhos e meu Marido.

Muito grata a todos, estreita num abraço de fraterna amizade...»

Oh carta!

Lisboa:

«Considerem-me assinante. Leio o jornal muita vez, sempre que uma pessoa de família me compra e, por isso, fico muito feliz quando me dão este presente...»

Há muita gente assim...

Viseu:

«Vamos a ver se com a ajuda de Deus arranjo mais assinaturas.»

Homem de fé!

Ainda Lisboa:

«Sou velho admirador dessa obra e, por conseguinte, assinante de «O Gaiato», que leio sempre inteiramente.

Tenho tentado arranjar sempre mais assinantes e agora lembrei-me de pessoa amiga que

assinará o simpático jornal, cuja leitura, estou certo, muito apreciará...»

Um lutador!

E mais e mais e mais — diria Pai Américo.

Agora, vamos assinalar as localidades donde provieram os novos Assinantes. Há listas de 2, 3, 4, 5, 6 e 7 deles!

Ei-las: Maia, Camarate (Loures), Freixial (Bucelas), Bragança, Caldas da Rainha, Coimbra, Braga, Mafra, Setúbal um valente grupo, Paços de Vilhargues, Matosinhos, Gaia, Leiria, Abrantes, Campo (Valongo), Gafanha da Nazaré, Aveiro, Gualtar (Braga), Fátima, Covilhã, Carnide (Pombal), Ovar, Águas Santas, Seixal, Espinho, Areosa (Porto), Caxias, Costa da Caparica. Porto e Lisboa o costume costumado.

Brasil: Guanabara e S. Paulo. África: de Angola, Cubal, Causo, Malanje, Luanda, Sá da Bandeira, Benguela e Dundo. Mais S. Tomé. E África do Sul: Dunnottar e Johannesburg.

Júlio Mendes

